



UMA SONDAÇÃO SOBRE O TEMPO CÍCLICO E PSICOLÓGICO EM “OS RATOS”, DE DYONÉLIO MACHADO: UMA APROXIMAÇÃO DA OBRA À VANGUARDA DO EXPRESSIONISMO

Edgard TESSUTO JUNIOR¹

RESUMO: Este artigo analisa aspectos da obra *Os ratos*, do romancista gaúcho Dyonélio Machado, a partir de perspectivas da análise crítica do discurso (Bakhtin, 1992) quanto à superposição de discursos, da crítica literária e histórica quanto ao neorrealismo de 30 (Camargo, 1998; Arrigucci Junior, 2004) e, por fim, da crítica psicanalítica quanto às relações entre neurose e vida social (Freud, 1975). Nesse sentido, analisa, mais especialmente, o modo como o narrador onisciente se relaciona com o protagonista de sua narrativa, assim como o modo como este protagonista se relaciona, alienada e neuroticamente, com o seu próprio cotidiano, desfigurando tempo, espaço e fatos de sua história. Esta análise conduz à compreensão de uma espécie de alienação, de zoomorfização e de desarticulação da vida psicológica do protagonista relacionada à desumanização da vida material, política e social, trazendo à tona, figurativa e mais largamente, uma espécie de chave metonímica para a compreensão da condição experimentada pela classe trabalhadora no contexto capitalista contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Romance de 30. Análise de Discurso. Psicanálise. Os ratos.

A SURVEY ON CYCLIC AND PSYCHOLOGICAL TIME IN “OS RATOS”, BY DYONÉLIO MACHADO: AN APPROACH OF THE WORK TO THE VANGUARD OF EXPRESSIONISM

ABSTRACT: This article analyzes aspects of the work *Os rato* [The Rats], by the novelist from Rio Grande do Sul, Dyonélio Machado, from the perspectives of critical discourse analysis (Bakhtin, 1992) regarding the overlapping of discourses, literary and historical criticism regarding the neorealism of the 1930s (Camargo, 1998; Arrigucci Junior, 2004) and, finally, psychoanalytic criticism regarding the relations between neurosis and social life (Freud, 1975). In this sense, it analyzes, more specifically, the way in

¹ Doutor em Tradução Português – Espanhol e Português-Nheengatu (2023), pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Literatura Brasileira (2015) pela Universidade de São Paulo (USP); Graduado e Licenciado em Letras Português-Espanhol (2004). Atua como professor de colégios e cursos pré-vestibulares, onde leciona Língua Portuguesa, com especialidade em Gramática Normativa. Representante discente do Centro Ángel Rama, da Faculdade de Letras da USP. E-mail: <edaotesjunior@hotmail.com>.

which the omniscient narrator relates to the protagonist of his narrative, as well as the way in which this protagonist relates, alienated and neurotically, to his own daily life, disfiguring time, space and facts of his story. This analysis leads to the understanding of a kind of alienation, zoomorphization and disarticulation of the protagonist's psychological life related to the dehumanization of material, political and social life, bringing to the surface, figuratively and more broadly, a kind of metonymic key to understanding the condition experienced by the working class in the contemporary capitalist context.

KEYWORDS: Romance of 30. Discourse Analysis. Psychoanalysis. The Rats.

INTRODUÇÃO

A escola literária do Rio Grande do Sul é bastante considerada, mormente se pensamos no período em que eclodiam os grandes levantes sociais do início do séc. XX, ainda durante o primeiro governo Vargas. Nesse período, destaca-se Dyonélio Machado. Muito embora este seja ainda menos conhecido como escritor que outros contemporâneos e conterrâneos a ele, como Érico Veríssimo, por exemplo, a repercussão de seus textos, hoje, é bastante considerada, como autoria de grandes obras de caráter intimista, com profunda sondagem psicológica.

Em *Os ratos* – obra sobre a qual nos debruçamos neste ensaio – é possível identificar que nem o espaço apresentado pelo narrador se dá de forma a configurar um real espaço topográfico – muito embora Dyonélio Machado estabeleça a lotação de sua narrativa na Porto Alegre dos anos 30, que acaba descrita em desconcertado estado acelerado de modernização² –, nem tampouco o tempo pode ser configurado através de uma linha de sucessão cronológica de fatos – aqui, o autor desenvolve técnicas narrativas ora circulares, em espiral de desencontros e retomadas de cenas, ora desprendidas da mensuração temporal. O importante a se destacar, nessa obra aqui analisada, ineludivelmente, é, sim, um tempo e um espaço

² Presentifica-se, mormente, no enredo desse romance – mais do que uma vistosa modernização da capital do Rio Grande do Sul – a luta pela sobrevivência em uma sociedade dominada pela exploração do trabalho. Autor marxista que era, busca mostrar os entraves da vida cotidiana de um trabalhador proletário, tema bastante recorrente na segunda geração modernista do movimento literário, a que Dyonélio Machado costuma ser associado.

que vigoram dentro da reflexão psicológica de seu protagonista, Naziazeno, como consequência de enfrentar o meio, que o aturde. Em *Os ratos*, espaço e tempo vêm apresentados ambos de forma dramatizada, através de incessante vaivém errante nas ruas de Porto Alegre, que ligam o centro à repartição em que Naziazeno trabalha.

Por meio da análise aprofundada, neste trabalho, se buscará traçar semelhanças narrativo-ficcionais de Dyonélio Machado com a abordagem expressionista sobre o tempo e o espaço, na obra *Os ratos*.

OS RATOS

Talvez, inspirando-se nas mesmas ideias estéticas do expressionismo, com cujos ideais o autor Dyonélio Machado parece ter “[...] afinidades na arte da expressão e no sentido da existência como dolorosa caminhada” (Arrigucci Júnior, 2004), o tempo da narrativa em “Os Ratos” parece ser configurado pela própria personagem Naziazeno, sendo sempre o seu algoz durante o enredo-dia sob o qual se passa esse romance-conto.

A obra é narrada em 3ª pessoa por um narrador onisciente que dá impressões bastante detalhadas de tudo e de todos, tornando-se, assim, muito presente ao longo da história da personagem. Recorrentemente, contando com o auxílio do discurso indireto livre, vê-se que o protagonista Naziazeno apresenta um caráter humilde, passivo e conformista: “[...] enche-o de uma emoção triste qualquer mudança, qualquer nova situação. Quer as coisas contínuas, imutáveis” (MACHADO, 1996, p. 60). Esse narrador, no entanto, vai-se mostrando capaz de manipular, organizar as falas, as lembranças e atitudes das personagens, desvelando cada uma das inquietações e pensamentos, os quais são reavivados numa espiral cíclica que marca o tempo narrativo ao longo do romance. Com isso, esse narrador onisciente de Dyonélio Machado antecipa tudo aquilo que vai acontecer e retoma tudo o que já aconteceu por diversas

vezes, descaracterizando o tempo cronológico convencional. Outrossim, trata-se de uma voz bastante crítica e consciente da matéria narrada, revelando-se um ingrediente essencial à narrativa, dando-lhe caráter irremediavelmente mordaz e, até certo ponto, sarcástico, sempre trabalhando com muitas ironias, com as quais tece, paralelamente, uma trama crítica sociopolítica³.

Outra característica apresentada no plano formal desse conto-romance – que remete ao modernismo – é o linguajar simples, coloquial, direto. Dialogando com a ideia da modernidade e a incorporação das “conquistas” do progresso veem-se apresentados o “bonde” e as fábricas, numa Porto Alegre que já revelava certas discrepâncias econômicas e sociais, uma capital que já parecia sofrer com o avanço das tecnologias e incomodar-se com isso, em razão de o trabalhador perder espaço para as inovações tecnológicas; logo, a cidade personifica-se e assume uma configuração opressora. Há, também, elementos que exemplificam o dia a dia de qualquer cidadão portoalegrense à época, como o contexto doméstico, a dívida de Naziazeno, seu trabalho e as conversas banais em cafés: demonstrações de fatos ligados ao cotidiano e à realidade brasileira. Outra inovação modernista é relacionada ao tempo da narrativa: na obra de Dyonélio Machado, toda a ação se passa em um dia, “interminável” e exaustivo dia que o narrador-onisciente acompanha, entremeando o pensamento de Naziazeno e suas atitudes.

O romance é estruturado em 28 capítulos, nos quais há entrelaçamento do passado ao presente, o que provoca a quebra da linearidade dos fatos: o presente e o passado se mesclam numa sequência psicológica cognitiva da percepção de Naziazeno, como se não houvesse distinção entre eles e o tempo fosse arbitrário e uma coisa só. Já, o futuro é sempre incerto. Dyonélio Machado parece exemplificar em *Os ratos* – através desse procedimento narrativo temporal expresso por seu narrador – o que parece que o tempo lhe representa à época:

³ Aqui, vale acrescentar que Dyonélio Machado foi vivaz crítico do Estado Novo, período em que viveu, chegando a ser preso político no governo de Getúlio Vargas.

algo único, indiscriminando passado, presente e futuro, sob a perspectiva expressionista da abordagem psicológica de sua personagem.

Percebe-se, por conseguinte, que a tentativa incessante de sanar a dívida que Naziazeno tem com o leiteiro mede-se e quantifica-se pelo desespero em encontrar uma solução que parece nunca vir e, não, pelo tempo que passa. Reflexo do sentimento aturdido de miserabilidade do ser frente ao tempo, talvez, aqui, Dyonélio Machado reflita a angústia pela qual passam os autores contemporâneos e ele próprio, por meio de sua personagem.

Acerca disso, Mikhail Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (1992), pondera que a constituição do discurso depende da interlocução do outro e, a partir dela, se constitui. Sob a ótica bakhtiniana, na “[...] recordação que temos habitualmente de nosso passado, esse outro é muito ativo e marca o tom dos valores em que se efetua a evocação de si mesmo [...]” (BAKHTIN, 1995, p. 167)

A ficção, por conseguinte, funde-se com a memória, e o narrador evoca uma realidade em que imaginação e reprodução são inseparáveis; em seu estatuto ficcional, a história confunde-se com a própria vida. O princípio da verossimilhança, que fundamenta o mundo criado pelo autor, cria um efeito de intensa tensão dramática entre autor e personagem, estabelecendo uma unicidade em que é tarefa árdua querer separar essas categorias. Muito embora difícil, em uma situação dessa ordem, deve-se distingui-la. Segundo Bakhtin,

[...] o autor não só vê e sabe tudo quanto vê e sabe o herói em particular e todos os heróis em conjunto, mas também vê e sabe mais do que eles, vendo e sabendo até o que é por princípio inacessível aos heróis; é precisamente esse excedente, sempre determinado e constante de que se beneficia a visão e o saber do autor, em comparação com cada um dos heróis, que fornece o princípio de acabamento de um todo – o dos heróis e o do acontecimento da existência deles, isto é, o todo da obra (Bakhtin, 1992, p. 32).

Vale acrescentar que, nesse jogo da criação ficcional, autor e personagem tendem a constituir-se enquanto duplo, e a memória revela-se enquanto imaginação. Ainda baseado nesses apontamentos que o teórico russo apresenta, reforçado pela caráter psicanalista pela qual a obra de Dyonélio Machado parece estar toda enviesada⁴, as emoções vividas pelo autor, à sua época, aparecem imbricadas no texto, tornando autor e personagem uma só entidade.

O romance *Os ratos* foi publicado em 1935, tendo recebido o prêmio “Machado de Assis”⁵. Ela enfoca o drama íntimo de um chefe de família humilde, de classe média, fazendo uma análise do mundo a partir das pequenas coisas massacrantes que envolvem o dia a dia das pessoas comuns e as anulam, ao revelar as angústias do ser humano à condição urbana por que passa a personagem principal.

Em sua angústia diária, Naziazeno, funcionário público do baixo escalão⁶, é representado numa realidade captada no espaço temporal de apenas vinte quatro horas de sua vida. Em uma *via crucis* de apenas um dia – relatado como macrocosmo temporal –, na qual se apoia a narrativa, o leiteiro – logo de manhã – ameaça cortar o fornecimento de leite para o filho de Naziazeno, caso ele não pagasse os fiados. A partir disso, desdobra-se um sem-número de humilhações e privações, tal qual um verdadeiro calvário para, afinal, obter de amigos o dinheiro do leite tomado por empréstimo depois de muitos conchavos, engodos e ardisidades, que estabeleceu junto a seus pares. Através de um subterfúgio, Naziazeno conseguiu cin-

⁴ Dyonélio Machado era psiquiatra e estudava com afinco a psicanálise, tão em voga à sua época por causa das recentes publicações dos casos de Sigmund Freud.

⁵ Por causa da oposição de Dyonélio Machado ao Estado Novo e de sua prisão nesse mesmo ano – dada a perseguição política sofrida por ele – o prêmio foi dividido com outros autores e a repercussão de sua obra mais aclamada pela crítica e pelo público, abafada.

⁶ Trata-se da vida do “amanuense”, profissão extinta hoje em dia e que era ocupada em copiar, de forma manual, textos e documentos públicos e privados. A partir do advento da folha-carbono, depois do mimeógrafo, seguido da fotocópia e da impressora a *laser*, esse quadro do funcionalismo público da época – muita vez! – não é sequer compreendida pelos mais novos.

quenta e três mil réis para pagar o leiteiro, ter novamente possibilidade de alimentar o filho e, enfim, ter paz novamente com a mulher.

Durante sua tentativa de angariar recursos, contudo, acaba fazendo mais dívidas, ganha e perde dinheiro, recebe refutações à solicitação de empréstimos e adiantamentos, sempre caminhando, incessantemente, até que as pernas lhe doam ou que a tontura chegue à cabeça, por diversas vezes. A necessidade por que passa impele-o a uma verdadeira odisseia de tormentos pela cidade, e as inúmeras dificuldades enfrentadas por ele levam-no a uma progressiva animalização. Naziazeno busca soluções com o chefe – que o tripudia: “[...] o sr. pensa que tenho uma fábrica de dinheiro?” (MACHADO, 1996, p. 38) –, no jogo de roleta – em que ganha num primeiro lance, mas volta a perder tudo o que tinha noutra – e com outras figuras mais abastadas – como o joalheiro Dupasquier: “[...] não me ocupo desses negócios” (Idem, p. 101). Mas, diante da indiferença desses homens e de sua própria sorte, encontra a solidariedade apenas em colegas de sua classe social.

E é justamente sobre esses aspectos de recorrentes tentativas de saldar a dívida que se fundamenta a circularidade predominante na narrativa: o protagonista acaba enredado em uma realidade da qual não pode escapar. Não há soluções fáceis para o problema, como se vão mostrando os desfechos de algumas das tentativas frustradas para se angariar os 53 mil-réis do leiteiro. E as imagens dos ratos, cuja presença se torna cada vez mais frequente – ora na similaridade metafórica com os colegas funcionários “[...] que se somem com pés de ratos” (Idem, p. 36), ora na própria condição de rato em que parece se encontrar, tão rejeitado pela sociedade quanto o próprio animal – encerram o retrato do homem animalizado pela violenta degradação das condições sociais.

Numa trama que mistura desconfiança de alguns que se envolvem nesse propósito com a amizade, a palavra de crédito e a honra de outras personagens, Naziazeno, enfim, consegue o dinheiro para pagar o leiteiro e, de quebra, consegue agradar à mulher e ao filho com alguns mi-

mos que seriam inesperados no início do romance (o vinho, o queijo e o brinquedinho da criança). Mesmo que seja tarde, vai – enfim! – descansar com a sensação de dever cumprido.

Quando deita na cama – prostrado do cansaço diuturno – não consegue, porém, pregar os olhos e começa a pensar em todos os entraves e embustes que teve de montar para conseguir os trocados do leiteiro. Ao insistir em pegar no sono, ainda ouve ratos – estes, literais! – que parecem andar no sótão da casa. Preocupado com o dinheiro que havia deixado sobre a mesa para que o leiteiro o pegasse de manhã para sanar a dívida e seguir recebendo leite, Naziazeno acha que ouve os pequenos animaizinhos roerem as notas sobre a mesa, acabando com o dinheiro deixado para pagar ao leiteiro, invalidando todo o esforço diário que acabara de empenhar. Desemboca, assim, numa noite de insônia e delírio e, durante uma de suas alucinações, tem-se a impressão de os ratos da casa roerem o dinheiro de fato.

Essa confusão mental para a qual nos convida o narrador onisciente a saber se, de fato, os ratos roeram o dinheiro, ou só se trata de mais um delírio de Naziazeno, assemelha-se ao confuso vaivém de onírica demarcação temporal – com relances memorialísticos permeados por imagens de sua infância – e configura-se sob uma anacronologia que irrompe a sequência natural e cronológica do tempo para refletir uma progressão temporal que se encontra dentro da memória de Naziazeno. Vê-se, aqui, mais um elemento do expressionismo: o tempo narrativo.

Ao longo do período entre a aurora e o crepúsculo de um dia, ele percorre as ruas do centro de Porto Alegre, atrás de amigos que o possam ajudar de alguma maneira a conseguir a quantia. Apesar de se marcar externamente a cronologia de um dia, como se fosse uma narrativa temporal objetiva, a sondagem psicológica revelada pelo narrador apresenta uma sequência de fatos que, em nada, pode aparentar a progressão temporal da realidade. A todo momento, Naziazeno, como se abrisse fendas de tempo dedicadas à nostalgia do tempo de

criança – quando vivia com a família no campo – deixa rastros de um sonho idílico que o acompanha e que nos é mostrado através da lente de onisciência do narrador em terceira pessoa. Além disso, a toda hora, a cabeça do incansável andarilho reedita passagens anteriores do dia como se viessem à tona novamente a importuná-lo, compondo imagens umas sobre as outras da expressão de angústia que se exterioriza pelo narrador.

O tempo, assim, torna-se adversário psicológico e mordaz de sua vítima e rói – tal qual uma grande ratazana – as horas dessa odisseia do anti-herói à modernidade em busca de alguns poucos mil-réis: da mesma forma que ratos a roer migalhas de pão, a personagem Naziazeno, em troca de uma mísera quantia, rói o pouco que lhe cabe das grandes fortunas que vê circular na cidade e das quais acaba tendo conhecimento – como a trama que seus colegas de repartição pública dizem saber que está prestes a desenrolar ou, mesmo, a vultosa quantia que a personagem diz que o Dr. Molina parece ter por herança.

A personagem de Dyonélio nesse romance – radicada no espaço da provinciana *urbe* da Porto Alegre das décadas de 30 e 40⁷ –, perde as esperanças a cada novo expediente não resolvido nessa saga de obter alguns trocados por empréstimo e acaba cedendo à atuação do tempo: há muito, em busca do dinheiro para pagar o leiteiro, não sabe das horas, mas sentenas pela carência de alimentar-se e pelo cansaço de andar de cima para baixo nas ruas do centro da cidade sob o ardente e castigante sol, “[...] moeda em brasa suspensa num vapor avermelhado e espesso” (MACHADO, 1996, p. 79), que o persegue.

Cabe ressaltar que esse tempo externo é captado apenas por referências aproximadas; vale lembrar, por exemplo, que o protagonista sequer usa relógio – visto que já o havia

⁷ Para aumentar os pontos de interseção entre as obras aqui relacionadas, sobre isto, o próprio Iberê Camargo, em *Esboço autobiográfico*, afirma ser porto Alegre uma cidade “provinciana, conservadora. [...] O moderno era mal interpretado pelos artistas e inteiramente desconhecido pelo público.” (p. 173, *In: Gaveta dos guardados*). Talvez isso justifique a dissonância com que a personagem Naziazeno, no romance de Dyonélio, seja tão provinciana, antiquada e mova-se por meio de enleios, trambiques e dependa de conluios e conchavos ao longo do desenvolver da narrativa.

empenhado outrora para outra dívida saldar. Essa imprecisão da categoria “tempo”, que o faz imperfeito e, apenas, vago, é decorrente da variabilidade psicológica, interna, vivenciada por Naziazeno através de digressões psicológicas. Diga-se, de passagem, que é justamente nos soslaio expressionistas de revitalização imprecisa de sua infância, que ele parece ter um alento em relação à obcecada busca pelos trocados do leiteiro:

A noite de verão, dum escuro fosforescente e sem mistério, cheia de gritos de crianças [...] Depois acabaram por ir se sentar na calçada, bem na esquina, juntinhos... De quando em quando uma voz. Naziazeno bem que ouvia tudo: a história, o “caso”... ele quer ir lá! Aquele canto de sarjeta tem o que ele nunca mais encontrou no seu mundo: o repouso feliz, o aconchego humano, seguro e imutável. Ele quer ir! (Machado, 1996, p. 37).

É criança de novo. Dormiu a sua sesta, como a gente grande. Foi a primeira sesta *consciente*. Levantou-se no meio dum silêncio. Fazia uma claridade pálida, de crepúsculo, de madrugada. A casa aberta, vazia. Pensa que é manhã cedo. Encontra o pai, sem casaco, indo e vindo pelo pátio. Sabe então que é o mesmo dia (Idem, p. 66).

Por meio de uma superposição de planos temporais, apresentando o passado de Nazi-azeno através de reminiscências aprazíveis em contraponto com uma cruel realidade que o aturde ao longo do dia presente, o tempo o exaure. Sua penúria material e moral, revelada por uma lente microscópica da onisciência do narrador, é uma crítica mordaz à existência alienada do homem no mundo capitalista: revela-se Naziazeno não pelo que é, mas pelo que faz.

Este, que, desde a revelação de seu nome, executa um jogo de palavras na mente do leitor – seu nome parece brincar com o do redentor Cristo Nazareno, vivendo a sua própria *via crucis* portoalegrense, como já comentado neste estudo –, mostra-se incapaz de resolver seu próprio problema e atua durante a narrativa de maneira cíclica que metonimiza a busca incessante e atemporal pelo capital do cidadão marginalizado pelo capitalismo da cidade grande.

Numa espiral de angústia, sua peregrinação se arrasta, desde o despertar com a cobrança do leiteiro até o ir dormir. Nesse romance de enredo também cíclico, a angústia somente se encerra com o pagamento do que devia à mesma personagem a quem devia no início do romance. No entanto, o descanso da angústia de Naziazeno não é verdadeiro e não convence o leitor. Sabe-se que amanhecerão novas inquietações e dívidas para o funcionário, novas cobranças para o chefe de família e novos olhares reprovadores. Misturam-se, pois, a essa luta, a ansiedade, o desespero, a sensação de fragilidade e inutilidade do ser humano que não tem recursos sequer para garantir o sustento digno da família, retratando a verdadeira luta de classes através da qual o trabalhador operário visa a garantir o seu sustento diário – nada prognóstico nem programático, porque sua posição social – e a da sua família – não permite.

O empréstimo que salda a dívida – e, aparentemente, salva, apenas por um dia, a personagem da sua penúria – acaba sendo, dessa maneira, o início de nova dívida e de novo ciclo de busca, embustes e tramas que aparecem esboçadas em especulada narrativa da cabeça do leitor: terá de fazê-lo tudo de novo, Naziazeno, para conseguir dinheiro uma vez mais no dia seguinte? Intencional ou não, Dyonélio Machado parece querer que essa expectativa angustie o leitor e deixa-o em suspensão do desenlace do destino de Naziazeno, a tal ponto que aquele não consegue descansar nem ao menos o hoje, sem se preocupar com essa questão.

Dessa forma, o autor sugere que o capital passa a ser a mola propulsora das relações sociais, e o responsável por sotopor a dignidade e o respeito do cidadão, aniquilando os sonhos do proletariado, promovendo o convite a uma profunda reflexão sobre a sociedade regida pelo dinheiro. Afinal das contas, essa sociedade subverte valores tradicionais e desanda o respeito, a ética, a dignidade, injusta e facilmente, quando não arbitrária e despoticamente, degradando-os, destruindo-os.

Assim, a dívida de Naziazeno não é só material, mas, também, inexoravelmente moral: ela desvela um trágico isolamento do ser consigo mesmo. Por isso, Naziazeno só consegue resolver seu problema com o apoio de outro, seu amigo de conluíus e conchavos, Duque.

Assim, parece se tornar apequenado dentro da grande Porto Alegre. Desprezado e pequeno tal qual pequenos ratos, vivendo a buscar os restos (do pão, do almoço, do dinheiro que, enfim, consegue) para seguir vivendo a medíocre vida citadina que se impõe coercitivamente a viver do pouco, amiúde.

Da mesma forma que os ratos causam repugnância, medo, pavor, agonia, angústia e nojo – porque sobrevivem de restos de alimentos e vivem em lixos, cantos de sótãos e porões, à margem da sociedade –, a condição momentânea de Naziazeno também o faz. Como os ratos, animais indesejados em qualquer residência, ninguém quer a Naziazeno. Pode-se dizer, então, que tanto os ratos quanto Naziazeno vivem à margem da preferência humana, de uma sociedade enviesada pelas relações desumanas criadas pelo capitalismo: causa geral da deformação das pessoas e, conseqüentemente, das personagens de Dyonélio Machado, como o próprio protagonista desse romance-conto.

Baseando-se nisso, Dyonélio busca essa deformação naquilo em que, com toda obviedade, ela parece não estar: nos gestos miúdos, quase imperceptíveis, como sacudir moedinhas dentro do bolso, cortar nervosamente um pedaço de pão em migalhas, espantar-se com as fisionomias dentro do bonde, estudar longas horas a melhor maneira de falar com um superior, perder o jeito diante de um credor. Enfim, como um bom psicanalista, Dyonélio vê a chave humana no fragmentário: para ele, o homem de hoje é uma constelação de feridas, cicatrizes, contradições que vive obcecado por seus anseios. Para Sigmund Freud (1975), o pensamento obsessivo aparece como uma ligação do inconsciente a certas vontades não satisfeitas, que levam ao estado de ansiedade ou angústia. O pensamento obsessivo de Naziazeno é

a dívida, mas, em detrimento dela – e por ela –, é capaz de se sacrificar, tornando o ato de saldar uma dívida em um “calvário” (como se o empréstimo fosse a sua única salvação).

É assim que, a partir de uma reconstrução miúda e obsedante da vida de um cidadão comum, aniquilado e condenado a uma vida sem mudanças, sem sustentação, indigna, chegando a ser desumana, percebemos a zoomorfização do homem em rato.

CONCLUSÕES

Como se pôde identificar, é, sobretudo, na condução da perspectiva narrativa que se manifesta a particularidade dessa obra e aquilo que a aproxima da vanguarda do expressionismo. Em *Os ratos*, o espaço urbano é descrito conforme a relação que as personagens com ele estabelecem, assumindo configuração opressiva; e o aspecto temporal do enredo apresenta passado, presente e futuro fundindo-se nos delírios e nas alucinações de Naziazeno – que busca obstinadamente pagar o leite de seu filho.

Não há, no limite, nenhuma solução para o problema da personagem, como sugere a crescente agonia vivida por Naziazeno – que, mesmo após encontrar uma saída provisória para a falta de dinheiro, afunda-se em outra dívida que precisará honrar sem ter como.

Ademais, a narrativa de *Os ratos* não apresenta uma continuidade progressiva e chega, por vezes, a tornar baça a sequência de eventos narrados pelo narrador. Enquanto Naziazeno está andando pelo centro, descobre-se jogando na roleta, lembra-se de sua infância dos folguedos, volta a estar andando no centro, encontra seu amigo, perde-o de vista em sequência e assim segue um tempo circular, marcado pela mensuração apenas cognitiva e psicológica da personagem.

A narrativa desse romance que mais parece um conto, com isto, assume ordem circular, que parece se materializar nas cenas de que passam a fazer parte as personagens. Para ilustrar isto, pode-se apontar a descrição do relógio, dos rostos que miram Naziazeno no bon-

de, da roleta, do Sol escaldante que o atordoa, da ciranda das crianças etc. Além disso, a abstração memorialística que retoma o passado acaba por fazer parte do presente narrativo da personagem, lembrando a infância e sua mãe, e, depois, voltando ao calvário de sua busca, presentificando a narrativa novamente, numa infundável roleta a girar entre passado e presente incessantemente sob a forma obcecada da figura circular, muito visível no romance: presente e passado vêm e vão, alternando-se na composição da história.

Isto tudo se sucede sem nada parecer muito claro. A cena da roleta deixa o leitor capcioso em afirmar que, de fato, se trata de algo que ocorreu, ou se se trata, apenas, de mais uma alucinação da personagem, por causa da incessante andança sem se alimentar ao longo do dia. O narrador, dessa forma, faz-nos passear na cognição e no suposto enlouquecimento de Naziazeno. Ademais, nesse momento, Dyonélio faz parecer que esse jogo se coloca na narrativa a fim de metonimizar – como quase tudo no romance – o ciclo vicioso em que se encontra o protagonista e de que se falou há pouco: não sabemos se verdadeiramente ele, com os cinco mil-réis que ganhou, de fato, conseguiu multiplicá-lo na roleta e depois os perdeu por completo, ou se apenas desejou fazê-lo, por ser frequente apostador – no caso, dos cavalos e do bicho, como o próprio narrador assegura ao longo da história.

Por conseguinte, pode-se concluir que o romance *Os ratos* possui uma complexidade de temas imperceptíveis em uma primeira leitura. Mas, ao se debruçar sobre os abismos escondidos em sorrisos e olhares superficiais que a sociedade incute em falaciar seus principais desafios e obstáculos, com uma observação mais detalhada – através de outros prismas, como o olhar mais comprometido com a questão social, relacionando-o a uma abordagem mais psicológica –, podemos identificar o quanto o poder do capital é capaz de sotopor e desumanizar o ser humano a uma condição inferior àquela que, habitualmente, costuma se re-



presentar. Nessa conta do capital, ora como homem, ora como rato, o ser humano parece acabar, inexoravelmente, fadado a um destino que não é o seu.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JÚNIOR, DAVI. Cerco dos ratos. *In: Folha de São Paulo, Caderno Mais! Literatura*. São Paulo: 6 de Junho de 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAMARGO, Iberê. *No andar do tempo*. São Paulo: L&pm, 1988.

FREUD, Sigmund. Notas sobre um caso de Neurose Obsessiva (1909). *In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Editora Ática, 1996.